

AVALIAÇÃO DE LINGUAGEM EM PRÉ-ESCOLARES: A PERSPECTIVA DO TERAPEUTA DA FALA E DO EDUCADOR DE INFÂNCIA*

Ana Sofia Araújo

Licenciada em Terapêutica da Fala
Escola Superior de Saúde
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
16669@ufp.edu.pt

Joana Rocha

Mestre Assistente
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
jrocha@ufp.edu.pt

M. Conceição Manso

Professora Associada
Faculdade de Ciências da Saúde
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
cmanso@ufp.edu.pt

RESUMO

Este estudo teve como objectivo verificar, em crianças do pré-escolar, se há diferenças nos critérios tidos em conta pelo terapeuta da fala e pelo educador de infância na avaliação de linguagem. Através da análise da relação entre dois testes, o TALC e o QLC, verificou-se que, de uma forma geral, existe pouca relação entre os resultados dos testes aplicados por ambos os profissionais. Conclui-se que ambos os profissionais devem trabalhar em conjunto na identificação de problemas para a maximização de resultados.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem, Terapeuta da Fala, Educador de Infância, Avaliação da Linguagem.

ABSTRACT

The objective of this study was to verify if there are differences in the criteria or the results found when assessing child language performance by the speech and language therapist and the kindergarten teacher. Through the analysis of the relation of the two tests, "TALC" and "QLC", little relation was found between the tests results applied by both professionals. Both professionals should work as a team in identifying problems in order to maximize results.

KEYWORDS

Language, Speech and Language Therapist, Kindergarten Teacher, Language Assessment.

* Trabalho baseado no Projecto de Graduação "Avaliação da linguagem na criança: perspectiva do terapeuta da fala e do educador de infância", elaborado por Ana Sofia Pereira Araújo e discutido em 24 de Julho de 2009, para a obtenção da Licenciatura em Terapêutica da Fala.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem constitui um instrumento social usado na interação entre seres humanos. É definida como um sistema convencional de símbolos arbitrários que combinada de modo sistemático permite armazenar e trocar informações. O desenvolvimento da linguagem apresenta uma evolução complexa de cinco componentes essenciais: pragmático, referente ao uso da linguagem num contexto situacional; fonológico, envolvendo a compreensão e produção do sistema de sons da língua ao nível segmentar e não segmentar; semântico, relativo ao estudo das palavras e seu significado; morfológico, referente à formação das palavras; e sintático, referente ao estudo das estruturas da frase e da relação entre os seus componentes (Cervera-Mérida e Ygual-Fernández 43).

Tanto a fala como a linguagem são importantes para partilhar sentimentos, ideias e informações com os outros. A maioria das crianças adquire estas competências com relativa facilidade, mas algumas experimentam dificuldades na aquisição linguística. Estas crianças são consideradas de risco para o desenvolvimento de perturbações comportamentais e de aprendizagem (Rice 20).

As perturbações que ocorrem ao nível da linguagem podem revelar-se especificamente numa das suas componentes (pragmática, fonologia, morfossintaxe e semântica), ou na combinação de duas ou em todas elas. É também possível observar a ocorrência de problemas de fala, que podem incluir disfluência, alterações ao nível da articulação verbal oral, ou na qualidade vocal.

1.2. AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

A aquisição da linguagem oral é realizada através de um processo interactivo que envolve a manipulação, combinação e integração das formas linguísticas e das regras que lhe estão subjacentes, permitindo o desenvolvimento de capacidades de perceber a linguagem e capacidade para formular/produzir linguagem (Acosta et al. 11). Acontece em função de aspectos biológicos e contextuais. Estudos contemporâneos em relação à linguagem consideram-na em função do histórico específico, social e contextos naturais; e a sua descrição a partir de cinco parâmetros: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática (Puyuelo e Rondal 90). Tudo indica que a capacidade da raça humana em adquirir linguagem se deve ao funcionamento do seu sistema nervoso central, muito mais que as suas estruturas físicas (Jakubovicz 6).

A aprendizagem da linguagem é um processo muito semelhante em todas as culturas. Crianças expostas a línguas muito diferentes seguem trajectórias de desenvolvimento semelhantes à medida que aprendem a sua língua mãe (Peixoto 70). A aprendizagem da linguagem e o seu uso são determinados pela interação de aspectos biológicos, cognitivos, psicossociais e do ambiente. O uso da linguagem para a comunicação exige a compreensão da interacção humana, incluindo factores associados: não-verbais, motivacionais e de papéis socioculturais (Puyuelo e Rondal 88). As crianças em idade pré-escolar que falam claramente e comunicam as suas ideias de modo mais efectivo, são mais capazes de manter períodos de brincadeira com outras crianças (Shonkoff e Philips 121).

Fátima Andrade, baseando-se na *American Speech-Language-Hearing* (ASHA), separa a linguagem receptiva (compreensão) da linguagem expressiva (produção, expressão oral e fala), dividindo os vários momentos de desenvolvimento da linguagem da criança em seguintes cinco etapas (ver Quadro I).

	Linguagem receptiva	Linguagem expressiva
0 – 1 Anos	<ul style="list-style-type: none"> - Reage e localiza sons; reconhece a voz dos pais (acalma-se e sorri). - Reage ao nome; reconhece familiares; indica brinquedos e objectos comuns; identifica o "não"; reage a diferentes entoações; gosta de ouvir diferentes sons (brinquedos). - Identifica familiares, comidas e animais; compreende ordens simples (ex: dá; diz adeus); compreende verbos de acções (ex: brincar, comer, dormir, tomar banho); identifica imagens e algumas partes do corpo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Produz sons guturais e vocálicos, palreio; sorri ao ver o adulto; manifesta choro diferenciado para expressar necessidade. - Emite sons consonânticos bilabiais e vocálicos sozinho ou em interacção. - Vocaliza para chamar a atenção; repete sons, sílabas e palavras; começa a surgir a ecolália; surgem as primeiras palavras.
1 – 2 Anos	<ul style="list-style-type: none"> - Conhece a função de objectos mais comuns; - Compreende perguntas simples; - Compreende ordens mais complexas; - Gosta de ouvir histórias, canções e rimas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumenta o seu vocabulário activo (50 a 200 palavras); utiliza a holofrase, mas podem surgir combinações de duas palavras; faz perguntas simples; utiliza mais sons consonânticos; usa palavras mais correctas; imita sons dos animais; acentua-se a ecolália.
2 – 3 Anos	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende ordens mais complexas; - Identifica opostos, identifica imagens de acções. 	<ul style="list-style-type: none"> - Nomeia tudo o que pretende (explosão do vocabulário activo); usa frases com duas e três palavras de conteúdo - frases telegráficas; exhibe uma expressão verbal oral compreensível para os familiares; faz perguntas simples; podem surgir hesitações nas palavras ou repetições de sílabas.
3 – 4 Anos	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende perguntas "onde?", "quem?", "o quê?"; - Responde a perguntas sobre histórias simples. 	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão verbal oral compreensível fora do círculo familiar. Conta acontecimentos, usa frases mais complexas e correctas. Diz o nome, a idade e morada; usa plurais, os pronomes (eu, tu, ele) e os verbos no passado; pode apresentar dificuldades na articulação de alguns fonemas.
4 – 5 Anos	<ul style="list-style-type: none"> - Compreende ordens ainda mais complexas; - Gosta de ouvir histórias e responde a perguntas; - Compreende o discurso coloquial da família e do meio envolvente; - Adquiriu a noção de antónimo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utiliza frases com 6 a 8 palavras, com detalhes e gramaticalmente correctas; conta histórias e acontecimentos, mantendo o tópico; pergunta o significado do vocabulário desconhecido; define palavras e conhece alguns antónimos; articula correctamente os fonemas em geral.

QUADRO 1 - Etapas do desenvolvimento da linguagem na criança: linguagem expressiva e receptiva, de acordo com a ASHA (Andrade, *Perturbações* 22).

1.3. AVALIAÇÃO DA LINGUAGEM

Avaliar a linguagem da criança significa, de uma forma geral, estudar, registar e, ainda que numa dimensão mais operatória, medir o processo de desenvolvimento desta competência. De uma forma mais específica, podemos entender a avaliação da linguagem numa dupla dimensão: na vertente de conhecimento e de análise deste objecto de estudo, enquanto processo que se coloca ao serviço da investigação, do saber e da informação que se vai produzindo e acumulando nesta área científica; na vertente de diagnóstico e terapêutica, enquanto aplicação do conhecimento existentes (testes, escalas de avaliação, instrumentos diversos) a cada caso concreto, a cada criança, tendo em conta, de modo particular, a sua comparação com o desenvolvimento dos seus semelhantes (Andrade, "Prevalência" 23).

Considera-se que dez minutos é o tempo máximo de administração de um procedimento de rastreio (Sturmer et al. 26). Se o objectivo de avaliação é o rastreio da fala e da linguagem, então o instrumento de *screening* deve contemplar tanto a fala como a linguagem nos seus itens. Evidentemente, para que um instrumento de avaliação seja considerado completo este deve ser capaz de avaliar também todas as componentes linguísticas. De facto, o processo de avaliação da fala e da linguagem é um processo complexo que requer um conhecimento específico do seu desenvolvimento e dos procedimentos existentes para a sua compreensão.

De qualquer maneira, é fundamental identificar, em cada momento do desenvolvimento da criança, o seu nível de desempenho em termos dos vários elementos que compõem a sua comunicação interpessoal e, para isso, é essencial que existam instrumentos que procedam à respectiva avaliação.

Segundo Schiefelbusch, a avaliação da linguagem permite a obtenção de uma linha base do funcionamento linguístico. Essa tarefa vai-nos permitir um maior conhecimento de como se articulam e interligam os diferentes componentes estruturais (sintaxe, fonologia, semântica) entre si e em relação às intenções comunicativas da criança (pragmática). Também possibilita a determinação da natureza exacta do problema.

A avaliação está na base da identificação das perturbações da linguagem e é através dela que se o diagnóstico ocorrer de uma forma atempada, se poderão desenvolver estratégias de prevenção de possíveis problemas, ou em casos que já não é possível a acção preventiva, procurar identificar os processos terapêuticos adequados (Andrade, "Perturbações" 27).

2. METODOLOGIA

2.1. PARTICIPANTES

Foi solicitada à Direcção da Instituição Centro Social e Cultural de Barrocelas uma autorização para realizar a presente pesquisa. De igual forma, os pais das crianças do Jardim de Infância no qual ocorreu o estudo foram informados sobre os objectivos deste, tendo todos assinado concordando com a realização e posterior divulgação dos resultados para fins exclusivamente científicos.

A população alvo para este estudo consiste em crianças que frequentam Jardins de Infância. A amostra consistiu em 24 crianças, todas as que tinham idade entre três e quatro anos (14 do sexo feminino e dez do sexo masculino) do Jardim de Infância do Centro Social e Cultural de Barrocelas.

2.2. DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS

O teste de avaliação da linguagem na criança (TALC) (Sua-Kay e Tavares 2) foi aplicado pela primeira autora deste trabalho. O TALC tem como objectivo identificar crianças que funcionam significativamente abaixo dos seus pares relativamente à linguagem, identificar áreas específicas fortes e fracas e promover evidência do progresso da intervenção. É um teste aplicável em crianças com idades compreendidas entre os dois e os seis anos, ou seja, em idade pré-escolar, e necessita de um tempo de aplicação entre os 30 e 45 minutos. Divide-se em duas partes: compreensão (69 itens) e expressão (54 itens). Atribui-se a cotação de 1 para respostas correctas e a cotação de 0 para respostas erradas ou omissas (Sua-Kay e Tavares 9).

O "Questionário Linguagem e Comportamento aos três anos e meio" (QLC), adaptação portuguesa de Amorim et al., foi aplicado pelo educador de infância das crianças da sala seleccionada. O QLC é destinado a rastrear dificuldades de desenvolvimento em contexto de Jardim de Infância. Permite a detecção ou despistagem precoce de atrasos e perturbações do desenvolvimento da linguagem em crianças de três anos e meio. O teste está dividido em dez itens, dos quais apenas se utilizaram para este estudo apenas duas: compreensão (seis itens) e expressão (quatro itens). A cotação deste teste é elaborada através do somatório de respostas "não" obtidas (Amorim et al. 2), às quais se atribui a cotação de 1.

Cada teste foi aplicado a cada criança, individualmente, sendo cada teste aplicado por uma única pessoa, evitando o risco de erro ou viés e a necessidade de calibragem dos aplicadores.

Os dados do TALC, para os itens compreensão e expressão, foram posteriormente transformados em categorias de acordo com o percentil a que a resposta correspondia considerando a idade e género da criança, como descrito na literatura (Sua-Kay e Tavares 11), e ainda recodificados em duas categorias, abaixo e acima do percentil 50 (P50) de acordo com as pontuações alcançadas em cada parte do teste.

2.3. ANÁLISE ESTATÍSTICA

Todos os procedimentos de análise estatística foram realizados com recurso ao aplicativo PASW Statistics 18, por aplicação de ferramentas adequadas. Considerou-se um nível de significância de 0,05, ou seja, rejeitou-se a hipótese nula (considerada em cada teste) em situações em que a probabilidade associada ao valor de prova (p) foi inferior a esse valor.

A comparação de medidas de tendência central foi realizada utilizando testes paramétricos após verificação da normalidade da distribuição de observações (Teste de Shapiro-Wilks) e da homogeneidade de variâncias (teste de Levene). A comparação da idade dos inquiridos por género foi realizada através de um teste t para grupos independentes. A comparação da média de TALC para as categorias de género/idade consideradas foi realizada por aplicação de análise de variância (ANOVA) a um factor. A comparação das componentes expressão e compreensão (TALC e QLC) foi realizada através do teste de Wilcoxon. Para estudar a associação ou dependência entre variáveis foi aplicado o teste de Fisher (dado o pequeno número de observações) no caso de as variáveis serem categóricas dicotomizadas, calculado o coeficiente de correlação de Spearman (r_s) em situações de variáveis categoricas ordinais e o coeficiente de correlação de Pearson (r) para a relação entre as duas componentes do TALC.

Dado que a dimensão da amostra é pequena, ao realizar-se testes de hipóteses, poder-se-á obter resultados que mostram ausências de relação/de diferenças quando estas poderiam existir (erro tipo II).

3. RESULTADOS

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A média da idade das crianças deste estudo foi de 3,7 anos (Tabela 1), sendo que esta não difere significativamente para meninas e meninos (teste t -Student, $p=0,823$).

			Idade (anos)			p
		n (%)	Média (±DP)	Mediana (P25-P75)	Min.-Máx.	(t-Student)
Todos		24 (100%)	3,7 (±0,3)	3,7 (3,5-4,0)	3,2 - 4,2	
Gênero	Feminino	10 (41,7%)	3,7 (±0,3)	3,7 (3,4-3,9)	3,2 - 4,2	0,823
	Masculino	14 (58,3%)	3,7 (±0,2)	3,7 (3,6-4,0)	3,3 - 4,1	

TABELA 1 - Caracterização da idade (anos) das crianças amostradas, assim como a idade para ambos os géneros, com indicação das estatísticas mais relevantes (média \pm desvio padrão, mediana e respectivos percentis 25 e 75, e mínimo e máximo) e valor de prova (p).

O grau de escolaridade dos progenitores das crianças da amostra é muito variado, tendo três (12,5%) o 6.º ano, seis (25%) o 9.º ano, oito (33,3%) o 12.º ano, uma (4,2%) o Bacharelato, quatro (16,7%) a Licenciatura e duas (8,3%) o grau de Mestre.

3.2. TALC E QLC

No TALC quanto maiores os valores obtidos melhor é a performance da criança, ou seja, menores são as dificuldades observadas (Tabela 2).

Variável	Estatística	Feminino < 4 anos	Masculino < 4 anos	Todos ≥ 4 anos	p (ANOVA)
	n (%)	8 (33,3%)	10 (41,7%)	6 (25,0%)	
TALC Compreensão	Média (±DP)	56,0 (±3,9)	51,1 (±6,6)	55,0 (±3,9)	0,136
	Min.-Máx.	51-61	38-44	48-59	
TALC Expressão	Média (±DP)	41,8 (±1,9)	38,4 (±4,6)	41,3 (±7,5)	0,309
	Min.-Máx.	38-44	31-47	31-49	

TABELA 2 - Comparação dos resultados do TALC, itens Compreensão e Expressão, das crianças amostradas, para os subgrupos constituídos a partir do género e idade que o teste considera, com indicação das estatísticas mais relevantes (média ±desvio padrão e mínimo e máximo) e valor de prova (p).

No QLC quanto maior for o número de “não” atingido no teste maiores as dificuldades evidenciadas na criança.

Na prova de compreensão deste teste são doze as crianças obtiveram nenhum “não”, correspondendo a 50% dos casos. Seis crianças apresentaram um “não” (25%), quatro obtiveram dois “não” (16,7%) e apenas duas somaram três “não” (8,3%), valor máximo alcançado. Na prova de expressão deste teste, dezassete crianças tiveram nenhum “não” (70,8% dos casos). Cinco crianças apresentaram um “não” (20,8%), duas obtiveram dois “não” (8,3%) e nenhuma somou mais de dois “não”.

Foram detectadas diferenças significativas no número de “nãos” obtidos no item Compreensão do QLC por género (T. Qui-quadrado, gl=3, p<0,001), com as meninas a apresentarem menos zeros e dois “nãos” que os rapazes, e nenhuma a obter três “nãos”, ou seja, os meninos apresentam simultaneamente os melhores e os piores resultados de QLC Compreensão e as meninas resultados médio-elevados melhores. Já na Expressão, não foram detectadas diferenças significativas entre géneros (T. Qui-quadrado, gl=2, p=0,936).

Verificou-se que não existe relação significativa (T. Fisher, p>0,05) quer entre o grau de escolaridade dos pais e o resultado no TALC, Compreensão e Expressão (Tabela 3) e o resultado do QLC, Compreensão e Expressão (Tabela 4). Da mesma forma, se só se considerar o grau de escolaridade da mãe, não é detectada associação significativa entre essa variável e o resultado do TALC ou do QLC (dados não apresentados, T. Fisher, p≥0,389, para as 4 relações).

		TALC Compreensão		TALC Expressão	
		< P50	≥ P50	< P50	≥ P50
Escolaridade dos Pais	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
≤ 9º ano	9 (%)	7 (38,9%)	2 (33,3%)	3 (33,3%)	6 (40%)
> 9º ano	15 (%)	11 (61,1%)	4 (66,7%)	6 (66,7%)	9 (60%)
Total	24 (%)	18 (100%)	6 (100%)	9 (100%)	15 (100%)
		T. Fisher, p=0,603		T. Fisher, p=0,547	

TABELA 3 - Tabela de contingência para a relação entre o TALC, itens Compreensão e Expressão, para as crianças e o grau de escolaridade dos progenitores (o grau de escolaridade mais elevado de entre o pai e a mãe) e valor de prova (p) para a relação.

		QLC Compreensão		QLC Expressão	
		0 não	≥ 1 não	0 não	≥ 1 não
Escolaridade dos Pais	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
≤ 9º ano	9 (%)	3 (25,0%)	6 (50%)	6 (35,3%)	3 (42,9%)
> 9º ano	15 (%)	9 (75%)	6 (50%)	11 (64,7%)	4 (57,1%)
Total	24 (%)	12 (100%)	12 (100%)	17 (100%)	7 (100%)
		T. Fisher, p=0,200		T. Fisher, p=0,539	

TABELA 4 - Tabela de contingência para a relação entre o QLC, itens Compreensão e Expressão, para as crianças e o grau de escolaridade dos progenitores (o grau de escolaridade mais elevado de entre o pai e a mãe) e valor de prova (p) para a relação.

3.3. RELAÇÃO TALC – QLC

Analisando conjuntamente a parte da compreensão dos dois testes, verificou-se que existe uma associação negativa, moderada a boa, e significativa entre as variáveis (Gráfico 1 - Compreensão), apresentando um coeficiente de correlação de Spearman (r_s) de -0,562 ($p=0,004$), mostrando que para valores mais elevados do TALC se obtém o número mais baixo de “nãos” no QLC. No entanto, na parte da expressão dos dois testes aplicados, verificou-se que a associação entre os dois testes era fraca a inexistente ($r_s=0,235$) e que estatisticamente não era significativa ($p=0,269$) (Gráfico 1 - Expressão).

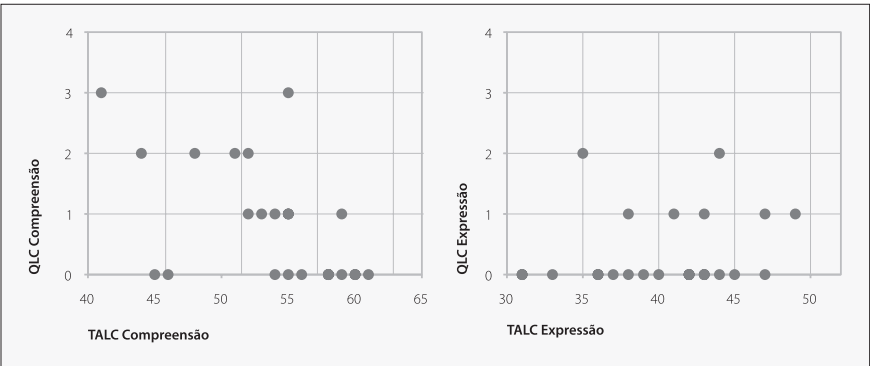


GRÁFICO 1 - Diagrama de dispersão para a relação entre o TALC e o QLC: item Compreensão e item Expressão.

A relação entre os dois itens do TALC é linear positiva, moderada, e estatisticamente significativa ($r=0,563$; $p=0,004$), revelando que crianças com níveis mais elevados de Compreensão estão relacionadas positivamente com as que apresentam níveis mais elevados de Expressão. Já a relação entre os dois itens do QLC é razoável e positiva, mas não é estatisticamente significativa ($r_s=0,370$, $p=0,076$).

4. DISCUSSÃO

Através da análise dos dois itens do TALC e do QLC é possível constatar que estas crianças possuem mais dificuldades de compreensão da linguagem do que de expressão (T. Wilcoxon, $p<0,001$ para TALC, e $p=0,035$ para QLC). Observando os valores percentílicos atingidos na compreensão, pode verificar-se que a maior parte das crianças atingiu valores inferiores ao P50, o que corrobora explica a relação, ou seja, que estas crianças revelam algumas dificuldades de compreensão da linguagem. São poucas as crianças que atingiram valores superiores ao P50. No que diz respeito à expressão, a maioria das crianças atingiram valores superiores ao P50, acontecendo o inverso do que se observa na compreensão. Este resultado revela facilidade de expressão da linguagem.

As dificuldades observadas na compreensão da linguagem são constatadas na análise do teste aplicado pela educadora de infância. Foi na parte da compreensão da linguagem que as crianças obtiveram um maior número de “não”. Esta dificuldade é bastante evidente em ambos os testes aplicados. Neste estudo, não foi encontrada relação entre o grau de escolaridade dos pais, nem o grau de escolaridade, apenas, da mãe e os resultados da avaliação de linguagem, em ambos os testes.

Silva e Peixoto reforçam que alguns dos problemas poderiam ser minimizados ou mesmo prevenidos se as crianças recebessem uma intervenção antes dos três anos de idade. Segundo Andrade, o período de desenvolvimento nas idades entre quatro e cinco anos, é considerado um marco (morfo-sintático-semântico e pragmático) no processo de interiorização da linguagem, decorrendo dele grande parte da disponibilidade para a compreensão e uso dos recursos linguísticos.

Através da análise da relação entre os dois testes, TALC e QLC, verificou-se que, de uma forma geral, existe pouca relação entre os testes aplicados pelos diferentes profissionais, o que demonstra que os dois profissionais têm formas diferentes de avaliar linguagem. O terapeuta da fala fá-lo de uma forma diferente pois avalia a linguagem através de uma combinação complexa de várias componentes: semântica, morfossintaxe e pragmática, este método está de acordo com Lahey e Bloom, que afirmam que a linguagem é uma combinação complexa de várias componentes, caracterizadas em três níveis: forma, conteúdo e uso. Na forma, incluem-se as regras de organização dos sons e as suas combinações (fonologia), as regras que determinam a organização interna das palavras (morfologia) e as regras que especificam a forma como as palavras serão ordenadas nas frases (sintaxe). O conteúdo, envolve o significado, e incluem-se, nesta componente, as regras semânticas de organização que se estabelecem entre as palavras, os significados e suas relações. O uso, engloba as regras reguladoras do uso da linguagem em contextos sociais (pragmática).

Assim, pode verificar-se que estes dois profissionais podem e devem trabalhar em conjunto de forma a assegurarem o bom desenvolvimento das crianças que passam pelas duas áreas

profissionais. O papel do educador de infância em relação à detecção de dificuldades de linguagem é muito importante, pois são profissionais que contactam directamente com um maior número de crianças e pode consciencializar e alertar pais para as possíveis alterações dos seus filhos. Em crianças, a prevalência de perturbações de linguagem e fala (PFL) reportada em literatura varia entre valores elevados, 27,3% (Silva e Peixoto 279), ou 28,8% a 37,6% em idade, e valores bastante baixos, mas também preocupantes, de 1,35% a 8,0% (Law 33). Estes valores levam a questionar a importância que os profissionais de saúde e da educação dão ao desenvolvimento da linguagem e à detecção precoce. Sendo o terapeuta da fala um profissional que tem como principal objectivo prevenir o aparecimento e/ou desenvolvimento de perturbações da comunicação e fala de várias formas, através de informação e também de rastreio com o objectivo de detectar precocemente perturbações de linguagem, seria desejável que estes profissionais estivessem inseridos em equipas multidisciplinares, no âmbito da educação e da saúde, possibilitando a sua intervenção o mais cedo possível a fim de se prevenirem maus resultados futuros (Silva e Peixoto 280).

É importante que pais e outros cuidadores estejam informados sobre as etapas do desenvolvimento das crianças, pois estes são agentes cruciais para a detecção precoce de dificuldades linguísticas (Laing et al. 153).

5. CONCLUSÃO

A análise dos resultados permitiu uma melhor compreensão de conceitos e uma visão geral das divergências encontradas por diferentes profissionais na avaliação de linguagem, compreensão e expressão, das crianças. Apesar dos critérios tidos em conta pelos terapeutas da fala e pelos educadores de infância nas duas provas de avaliação serem diferentes, apontam para um resultado semelhante (maior dificuldade de compreensão). Dado que ambos os testes são aplicados em contextos diferentes e por profissionais diferentes, seria desejável que estes profissionais desenvolvessem um único instrumento passível de utilização conjunta. Pode, assim, concluir-se que é essencial o trabalho em equipa de todos os profissionais da educação, para que as crianças beneficiem de apoios terapêuticos adequados às suas necessidades, contribuindo assim para a minimização de dificuldades de aprendizagem.

Este trabalho veio salientar a importância de acções de sensibilização e rastreio, a fim de detectar precocemente possíveis alterações de linguagem e fala.

6. BIBLIOGRAFIA

Acosta, Vitor, et al. *Avaliação da linguagem – teoria e prática de avaliação do comportamento linguístico infantil*. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2003.

Amorim, Maria E., et al. "Questionário "Linguagem e comportamento aos 3 anos e meio". [Adaptação portuguesa de Langage et comportement – 3 ans 1/2, de Chevrie Muller et al.] Série Avaliação Psicológica LFA6. Porto: Laboratório de Fala FPCE-UP, 2005.

Andrade, Cláudia R. "Prevalência das desordens idiopáticas da fala e da linguagem em crianças de um a onze anos de idade." *Revista de saúde pública [Universidade de São Paulo]* 31.5 (1997): 495-501.

Andrade, Fátima. *Perturbações da linguagem na criança – análise e caracterização*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008.

Cervera-Mérida, J. F., e A. Ygual-Fernández. "Intervención logopédica em los transtornos fonológicos desde el paradigma psicolingüístico del procesamiento del habla." *Revista de neurologia* 36.1 (2003): 39-53.

Fernandes, Eulália. *Problemas linguísticos e cognitivos do surdo*. Rio de Janeiro: Agir. 1990.

Jakubovicz, Regina. *Atraso de linguagem – diagnóstico pela média dos valores de frase (MVf)*. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

Lahey, Margaret, e Lois Bloom. *Language Development and Language Disorders*. New York: John Wiley & Sons, 1978.

Laing, Gabrielle L., et al. "Evaluation of a Structured Test and a Parent Led Method for Screening for Speech and Language Problems: Prospective Population Based Study." *British Medical Journal* 325.16 (2002): 152-57.

Law, James. *Identificação precoce dos distúrbios de linguagem na criança*. Trad. Maria Ines Corrêa Nascimento. Rio de Janeiro: Revinter. 2001.

Peixoto, Vânia. *Perturbações da comunicação – a importância da detecção precoce*. Porto, Edições U Fernando Pessoa, 2007.

Puyuelo, Miguel, e Jean A. Rondal. *Manual de desenvolvimento e alterações da linguagem na criança e no adulto*. São Paulo: Artmed, 2003.

Rice, Mabel. "Grammatical Symptoms of Specific Language Impairment." *Speech and Language Impairments in Children: Causes, Characteristics, Intervention and Outcome*. Eds. Dorothy Bishop e Lawrence Leonard. Hove: Psychology Press, 2000. 17-34.

Schiefelbush, Bush R. *Bases de la Intervención en el lenguaje*. Madrid: Alhambra Universidad, 1986.

Shonkoff, Jack P., e Deborah A. Philips. *From Neurons to Neighborhoods. National Research*. Washington DC: Council Institute of Medicine - National Academy Press, 2000.

Silva, Cândida, e Vânia Peixoto. "Rastreamento de prevalência das perturbações da comunicação num agrupamento de escolas." *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde* 3 (2008): 272-82.

Sturner, Raymond A., et al. "Preschool Speech and Language Screening: A Review of Currently Available Tests - Clinical Focus." *American Journal of Speech-Language Pathology* (1994): 25-36.

Sua-Kay, Eileen, e Maria D. Tavares. *TALC – Teste de Avaliação da Linguagem na Criança*. Lisboa: Oficina Didáctica, 2006.